

No fim do ano que parece nunca acabar, a Revista Brasileira de Psicologia lança mais um número, composto por artigos regulares e por mais um dossiê, dessa vez dedicado às brincadeiras de crianças. Não que esse ano tenha sido de brincadeira; ele foi fogo, como todos sabem. Mudança de governo, ascensão do conservadorismo e, no plano internacional, surpresas, muitas surpresas.

Brincadeira de criança também é um assunto sério. Estudá-las com seriedade, não é brincadeira e exige, tal como encontramos no dossiê, conhecimentos especializados, discussões aprofundadas e, sobretudo, o confronto com muitas decisões metodológicas. Como um adulto, educado, cientificamente preparado, pode se colocar no lugar de uma criança? Como definir exatamente o que é a infância e como é possível se dedicar ao estudo desse tema de forma séria, mas lúdica, apaixonada, mas racional?

Os artigos incluídos no dossiê oferecem, cada um à sua maneira, respostas para as questões acima alinhavadas. A introdução, escrita por Bichara e Becker representa a afirmação de uma agenda de pesquisa que tem por objetivo enfrentar o desafio metodológica de permitir que as crianças possam falar ou, para ser mais exato, possam ser ouvidas pelos pesquisadores que se esforçam em estudá-las enquanto brincam.

O artigo de Becker passa em revista as grandes questões do desenvolvimento infantil, acentuando os problemas enfrentados e as soluções acenadas pelos pesquisadores. O tema central do artigo é o abandono de uma perspectiva que pode ser caracterizada como adultocêntrica e a substituição por uma abordagem mais autenticamente infantil. Qual seria, então, essa perspectiva? A criança sujeito? A criança mobilizada pelo adulto? A criança parceira? A criança protagonista? Essas questões não são fáceis de serem respondidas e o artigo proporciona um recenseamento das respostas oferecidas por pesquisadores alinhados às diversas perspectivas.

O artigo de Silva e Sodré, partindo da perspectiva sócio-histórica de Vigotski, apresenta, exemplifica e discute as contribuições de um método especialmente desenvolvido para o estudo das brincadeiras infantis, a roda de conversa. Cumpre assinalar a importante contribuição do estudo no sentido de fazer ouvir as palavras e retratar as vivências e experiências de crianças residentes numa zona rural.

O estudo de Pinto apresenta uma proposta metodológica inovadora para estudos participativos com crianças. Mediante a utilização de maquetes, elaboradas pelas próprias crianças, elas falam sobre o espaço em que vivem e convivem com os pares e adultos, refletem sobre a realidade na qual estão inseridas e são capazes de elaborar uma proposta de intervenção no sentido de aperfeiçoar o espaço físico e social em que se desenrolam as atividades cotidianas.

Em mais uma estratégia metodológica participativa, a oficina de brincadeira de casinha, o artigo de Pereira e Pedrosa documenta, em crianças de 3 e 4 anos de idade, quão cedo a ideologia de gênero começa a produzir seus efeitos e analisa as dificuldades enfrentadas pelas crianças em assumir, mesmo durante as brincadeiras, a roupagem de um personagem de um outro gênero que não o registrado pelo sexo biológico.

O artigo de Gomes enfatiza a profunda influência exercida pelo contexto e de como este é decisivo na seleção e na interpretação que crianças muito pequenas fazem das brincadeiras nas quais participam. As visões de crianças de escolas públicas e privadas sobre os locais de e para as crianças são apresentadas e, fica claro quão os elementos

concretos da realidade determinam o modelo de mundo por elas construído.

O tema da diferenciação entre os lugares de e para as crianças é retomado no artigo de Menezes e Bichara. Usando o método observacional, as autores indicam como as crianças, no contexto das brincadeiras, transformam um lugar inicialmente planejado por adultos num espaço das próprias crianças, o que as permite se apropriar do espaço em que desenvolvem as suas atividades e ressignificar o mundo. No último artigo do dossiê, Bichara volta a abordar a diferenciação entre os lugares para e de criança, dessa vez utilizando uma outra técnica de pesquisa, a entrevista acompanhada por fotos registradas pelas próprias crianças.

Além dos artigos do dossiê, o número atual coloca à disposição dos leitores os manuscritos submetidos diretamente à revista pelo site revpsi.org. O artigo de Tabet tem por objetivo estudar, numa amostra de indivíduos que sofreram acidente vascular cerebral, as funções executivas, adotando como critério de avaliação a idade e o nível de escolaridade. O autor finaliza admoestando os utilizadores desses recursos diagnósticos os cuidados pertinentes ao bom uso desses instrumentos.

O artigo de Cerqueira-Campos e Melo Neto é dedicado ao estudo da perspectiva de futuro, entre jovens, residentes de duas cidades do nordeste do Brasil, uma na capital e outra no interior. Os participantes do estudo, em condições de vulnerabilidade estimam a perspectiva de futuro, em um quadro balizado pelo clima escolar e pela qualidade da formação, controlando-se o impacto da autoestima e das variáveis sociodemográficas.

Mata e Pelisoli exploram os danos à saúde do racismo, em uma dimensão particularmente significativa que é do estresse decorrente da experiência cotidiana e recorrente de ser alvo de atos racistas. Essa é uma dimensão muito importante da discriminação racial no nosso país e a autora explora os impactos do racismo na saúde mental, os danos que essa experiência pode proporcionar para os seus alvos, assim como oferece indicadores para os profissionais da área de saúde mental que têm por dever de ofício lidar com a população-alvo nas suas tarefas cotidianas.

Afonso, Bento, Mota, Martins e Leitão conduzem uma revisão sistemática da literatura a respeito dos testes de rastreio psicomotor na detecção precoce de transtornos do desenvolvimento. Na revisão é enfatizada a preocupação com as qualidades psicométricas, bem como com a validade transcultural desses instrumentos.

Gondim ao discutir, na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, o prazer e o sofrimento entre os pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, aponta as dimensões essenciais do trabalho nessa importante categoria profissional.

Por fim, no último artigo do número, Figueiredo dedica-se ao estudo de uma característica inerente aos desenvolvimentos atuais da tecnologia da informação, o autocyberbulling, ou seja, uma situação de auto-assédio criada pelo usuário, mediante a criação de identidades falsas, para se tornar objeto de simpatia ou mesmo de pena. A autora revisa as principais teorias a respeito do assunto, oferece indicadores de prevalência e sugere formas de intervenções a serem implementadas no contexto escolar ou familiar.